



## POESIA PARA A PROSA

*JOÃO, SUA DOR, SEU SOL*  
(*JOÃO, HIS PAIN, HIS SUN*)

Fabiana Buitor CARELLI<sup>1</sup>  
Viviane Rodrigues ZEPPELINI<sup>2</sup>

*Não tenho livros, mas vários remédios de cabeceira.*  
(João Cabral de Melo Neto)

O que fazer quando se é poeta e sofre de enxaquecas? João Cabral de Melo Neto (1920-1999) fez literatura. Mais especificamente: fez poesia.

Segundo conta o biógrafo Ivan Marques (2021), Cabral sofria de fortes dores de cabeça desde tenra idade. Aos vinte anos, no Rio de Janeiro, ao ser apresentado a Carlos

---

1 Visiting Fellow na Princeton University (USA) (Processo FAPESP BPE 2021/09906-9); Professora Associada (Livre-Docente) da Universidade de São Paulo, Brasil; coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Literatura, Narrativa e Medicina da Universidade de São Paulo (GENAM). Endereço eletrônico: <fbcarelli@gmail.com>.

2 Mestranda em Literatura Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Literatura, Narrativa e Medicina da Universidade de São Paulo (GENAM). Endereço eletrônico: <vivianezeppelini@usp.br>.



Drummond de Andrade, uma de suas primeiras e mais intensas referências literárias, já era um jovem sob o efeito da aspirina:

Na sede do ministério [da Educação, na capital carioca], quem visse o rapazote magro e pálido, postado diante do poderoso auxiliar e amigo de Capanema provavelmente não pensaria que se tratava de um poeta. [...] Seria também difícil adivinhar que o moço ao mesmo tempo polido e seco passava seus dias sob o efeito permanente de aspirinas. Uma observação mais atenta, porém, não deixaria escapar os sinais que seu corpo expressava de seu temperamento nervoso e inquieto: a expressão facial contraída; a mania de apertar os lábios; o hábito de tirar os óculos e apoiar a testa na mão; a necessidade de confirmar – ‘compreende?’ –, a cada duas ou três frases, se o interlocutor ouvia e acompanhava suas falas; e, sobretudo, a neurose do tempo, a obsessão com o relógio. (MARQUES, 2021, p. 12)

Cabral sofreu de enxaquecas terríveis durante toda a vida, desde pelo menos os 16 anos, as quais tratou massivamente com o comprimido que lhe salvava a capacidade de vida social e de trabalho (e também com muito, muito álcool). Sem ele, a depressão, as crises de ira, a prostração e a insônia manifestavam-se invariavelmente. Submeteu-se a inúmeras cirurgias penosas e tratamentos de naturezas diversas, no Brasil e também no exterior. Consta que nos anos 1970, já na casa dos cinquenta e tais anos, ainda ingeria, diariamente, de seis a oito aspirinas, hábito que só veio a abandonar em 1985, aos 65 anos, por conta de uma úlcera supurada (MARQUES, 2021, p. 423/51).

Os leitores de João Cabral conhecem bem seu desprezo por um lirismo metafísico, transcendental; seu apego pelas metáforas “duras”, surpreendentes, que desenvolve obsessivamente em sua poesia. No livro *A educação pela pedra* (2008), publicado em 1966, momento já de maturidade do poeta pernambucano, João Cabral dedica um poema, justamente, ao comprimido que o prevenia de enlouquecer:

*Num monumento à aspirina*



Claramente: o mais prático dos sóis,  
o sol de um comprimido de aspirina:  
de emprego fácil, portátil e barato,  
compacto de sol na lápide sucinta.  
Principalmente porque, sol artificial,  
que nada limita a funcionar de dia,  
que a noite não expulsa, cada noite,  
sol imune às leis de meteorologia,  
a toda hora em que se necessita dele  
levanta e vem (sempre num claro dia):  
acende, para secar a aniagem da alma,  
quará-la, em linhos de um meio-dia.

\*

Convergem: a aparência e os efeitos  
da lente do comprimido de aspirina:  
o acabamento esmerado desse cristal,  
polido a esmeril e repolido a lima,  
prefigura o clima onde ele faz viver  
e o cartesiano de tudo nesse clima.  
De outro lado, porque lente interna,  
de uso interno, por detrás da retina,  
não serve exclusivamente para o olho  
a lente, ou o comprimido de aspirina:  
ela reenfoca, para o corpo inteiro,  
o borroso de ao redor, e o reafina.  
(MELO NETO, 2008)

São 24 versos simetricamente distribuídos por duas estrofes. Cada uma das estrofes é iniciada por uma palavra seguida de dois-pontos, para, na sequência dos versos, vir a explicação que aquele sinal de pontuação requisita.

Na primeira estrofe, o advérbio “claramente” dá o tom dos versos que virão. A monumentalidade do comprimido de aspirina é tamanha que ele adquire as mesmas propriedades do sol, centro de um universo – no caso, do eu que constitui esse universo.

Esse sol particular, porém, é “imune às leis da meteorologia”. O simbolismo do sol pode ser dado aqui, por exemplo, por oposição ao da lua: ele é *yang*, ativo e luminoso. O sol é o *spiritus*, enquanto a lua é a *anima* (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015). O sol artificial e compacto de Cabral lhe proporciona a distância da matéria e o leva para perto do pensamento do tipo mais arguto.

A palavra que abre a segunda estrofe é “convergência” e se refere à aparência e aos efeitos da aspirina. Depois de clarear um mundo, o sol polido e repolido de Melo Neto é ainda capaz de fazer despontar o sentido cartesiano daquele clima. Aqui, vale o contraponto com poema “Para um monumento ao antidepressivo”<sup>3</sup>, de Paulo Henriques Britto, publicado em *Tarde* (2007). Para o carioca, seu “sol de bolso” não ilumina, mas dissipa a neblina sem, no entanto, consentir que o “outro sol” revele a “dura, doída, suportável” humana condição (BRITTO, 2007). Para o pernambucano, seu sol de cristal reenfoca “o borroso de ao redor” e o aprimora.

Curiosas dualidades compõem, portanto, esse poema simétrico, dividido em dois: dual. Sol e noite, alma e corpo (retina, olho, corpo inteiro), interno e “ao redor”, oposições que apenas o grande “sol de meio-dia” da aspirina consegue resolver, atravessando o tecido rústico (a “aniagem”) da alma com sua luz (“quarando-a”, palavra originária do tupi-guarani que significa, ao mesmo tempo, furar e branquear e cria, no interior mesmo do poema, uma *cena* das lavadeiras do Nordeste e seus panos ao sol), fazendo viver o “cartesiano” nesse “clima”.

Para um poeta do pensamento como João Cabral, a referência a Descartes no poema não parece, de modo algum, aleatória. Nem tampouco o inusitado efeito de estrofes iniciadas, não como de costume se vê, com nomes, mas, sim, com um modo de ser ou fazer (“Claramente”) e com um agir/acontecer (“Convergência”). A própria criação poética, tecido que se engendra pela “conversa” entre o que está por trás da retina (a alma, o escuro) e o

---

3 Cf. Britto (2007): Um pequeno sol de bolso/ que não propriamente ilumina/ mas durante seu percurso/ dissipa a espessa neblina // que impede o outro sol, importábil,/ de revelar sem distorção/ dura, doída, suportável,/ a humana condição.



desfocado exterior (“borrado”), só acontece quando a aspirina, centro do sistema solar do poeta, atravessa com sua luz os interstícios e, assim, os ilumina.

#### REFERÊNCIAS

BRITTO, P. H. *Tarde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

MARQUES, I. *João Cabral de Melo Neto: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2021.

NETO, João Cabral de Melo. *A educação pela pedra*. Madri: Alfaguara, 2008.

---

*Envio: Julho de 2022*  
*Aceite: Julho de 2022*